

Bancos Centrais: para que servem mesmo?

O artigo de hoje está voltado à Economia Monetária, mais exatamente ao papel exercido pelos Bancos Centrais como provedores de liquidez dos mercados financeiros. Mas para isso utilizaremos uma notícia publicada pelo site do ESTADÃO no dia 13 de setembro: “Bancos americanos tomam US\$ 7,2 bilhões em crédito de última instância”

A informação era de que os bancos americanos mais empréstimos da janela de redesconto do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos) na última semana. Os recursos totalizaram US\$ 7,386 bilhões, de US\$ 1,338 bilhão em 5 de setembro, US\$ 1,357 bilhão no último dia 29 e US\$ 2,262 bilhões em 22 de agosto. Um dado especialmente alarmante era de que o volume foi também o maior desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. De fato, este foi o maior volume deste tipo de operação desde que o Fed reduziu a taxa de juros destes empréstimos de 6,25%, para 5,75% ao ano, no mês passado.

O caso é que se os bancos tiveram que tomar recursos a 5,75% ao ano é porque não conseguiram se financiar no próprio mercado, onde a taxa ficou em cerca de 5% na semana passada.

Mas por que crédito de última instância?

O caso é que o Banco Central é o emprestador de última instância, o “banqueiro dos banqueiros” como também é conhecido. Cabe a ele abastecer o mercado de liquidez quando aparentemente ninguém mais tem condições ou interesse para tal, como numa crise bancária por exemplo.

Se o BC se omite e não cumpre sua função o que temos é o caos, como brilhantemente demonstrado por Milton Friedman em seu livro de 1963 – Uma história monetária dos Estados Unidos – onde o autor cita o exemplo do FED (banco central americano) que não só precipitou o crash de 29 como agravou a situação ao restringir o crédito elevando juros e diminuindo a quantidade de dinheiro em circulação na economia.

Vale lembrar da crise imobiliária americana do início de agosto: a turbulência começou no dia 08 de agosto, uma quinta-feira. Horas depois o FED e o banco central europeu já despejavam dinheiro nos mercados financeiros. Até a sexta-feira, 09 de agosto, o socorro totalizava 300 bilhões de dólares – o equivalente a um terço do PIB brasileiro.

Isso foi necessário porque, diante da falta de crédito, os bancos encontraram dificuldades para obter empréstimos com outras instituições financeiras – já que alguns deles precisaram cobrir perdas que tiveram com os financiamentos imobiliários nos EUA. Sem a atuação dos BCs, haveria o risco de um fechamento total das linhas de crédito e sem crédito a economia simplesmente pára.

É por isso que nos livros texto de economia o BC é chamado de emprestador de última instância.

Mas e o que é taxa de redesconto?

Vamos a explicação de livro texto: ela é o último instrumento da caixa de ferramentas de um BC: ela é a taxa de juros sobre os empréstimos que o BC faz diretamente aos bancos, como ocorreu em agosto deste ano. Um banco toma empréstimos do BC

quando tem poucas reservas para atender à sua exigência de reservas. Isto ocorre porque o banco concedeu demasiados empréstimos ou porque houve novas retiradas. Quando o BC faz um empréstimo desse tipo a um banco, o sistema bancário fica com mais reservas do que teria de outro modo, e estas reservas permitem que o sistema bancário crie mais moeda.

Mais uma vez o estouro da bolha imobiliária é um exemplo perfeito: os seguidos anos de juros baixíssimos estimularam uma concessão de crédito desenfreada na economia americana. Os bancos começaram a emprestar dinheiro até por pessoas como histórico de crédito deficiente. Mas, nos últimos meses, os juros começaram a subir, o financiamento ficou mais caro e a inadimplência disparou, implicando na diminuição das reservas à disposição dos bancos. Aí os BCs entraram emprestando aos bancos para tentar restabelecer a calma.

Portanto, cabe aos bancos centrais o papel de apaziguador nos mercados em momentos de crise ou incerteza.

Num quadro de desconfiança quanto a capacidade dos bancos de devolver os recursos aplicados por seus clientes cria-se um clima de pânico bancário, onde todos correm às suas agências tentando resgatar suas aplicações. Quando isso acontece os bancos não têm como devolver todos os depósitos ao mesmo tempo, levando a uma quebra generalizada.

Se o BC não intervier e sinalizar que a situação de incerteza é passageira e que os bancos podem contar com seu apoio certamente o pior acontece. Mais uma vez vale lembrar da Grande Depressão, um cenário bastante próximo ao que foi relacionado aqui.